

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
E C T - D R - S. C.



Blumenau

em cadernos

T O M O X V



Março de 1974



Nº 3

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças á generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO XV

MARÇO DE 1974

Nº. 3

A NOSSA RAZÃO DE SER

QUANDO em Novembro de 1957, José Ferreira da Silva, lançou à luz da publicidade BLUMENAU EM CADERNOS, expoz em linguagem clara, qual a orientação que imprimiria a esta publicação, manifestando-se em artigo de apresentação, na primeira página do primeiro número da seguinte forma:

A QUE VIEMOS

« O próprio título o está dizendo. Trataremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com o nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham por que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado.

Mas não nos limitaremos a rebuscar arquivos, a contar casos dos tempos idos. Procuraremos, também, apontar aos que, na atualidade, concorrem com o seu trabalho para o engrandecimento comum, o caminho a seguir. O bom caminho que palmilharam os colonos idealistas que, acima de todas as conveniências, pensaram e agiram em razão do aperfeiçoamento material e moral da comuna, a fim de que esta fosse, em todas as épocas, um motivo de justo orgulho para o Brasil. O caminho, afinal, que nos manterá sempre na vanguarda de todas as iniciativas úteis a coletividade e que nos levará, sem dúvida, a magníficos destinos.

Nesse propósito, anotaremos e discutiremos, nestes cadernos, todos os assuntos de que possa resultar algum benefício ao povo do Vale do Itajaí, cujos interesses, em última análise, são os mesmos interesses do município, do estado, do país.

Fugiremos, entretanto, às discussões políticas; não nos envolveremos em lutas partidárias nem em polêmicas de natureza religiosa.

Pugnaremos por Blumenau para que este, glorificado e engrandecido pela atividade honesta do seu povo, pela orientação sábia e digna dos seus dirigentes, pelo despreendimento de seus homens públicos, pelo espírito de iniciativa, de capacidade realizadora de suas elites, não tenha em vão gravado em seu maravilhoso escudo armorial o distico de que tanto se orgulha: «Pro Sancta Catharina et Brasilia».

Com Blumenau, por Santa Catarina e pelo Brasil - será o nosso lema também!»

E nós pretendemos prosseguir nessa jornada, com a mesma orientação, esboçando os mesmos princípios, contando para tanto, com a imprescindível ajuda de nossos antigos colaboradores que, temos certeza, não nos faltará.



ESTANTE CATARINENSEpor Carlos Braga Mueller

BIOLOGIA EM PALAVRAS CRUZADAS, de Luiz Alberto Silveira
Editora Lunardelli - Florianópolis

As palavras cruzadas representam uma substancial diversão para um grande número de pessoas. E não há como negar que o exercício desse passatempo acaba por transformar-se numa utilidade, em virtude da soma de conhecimentos que a pessoa acaba adquirindo.

Luiz Alberto da Silveira, vendo e sentindo essa particularidade das palavras cruzadas, resolveu dar ainda mais severidade a esse tipo de diversão. E organizou 56 quadros, enfeixando-os neste volume, com as respostas constando numa «separata».

E foi mais adiante o autor: na segunda parte do livro, para facilitar a «diversão», ele trata de citologia, embriologia, botânica e assuntos correlatos, com ilustrações fartas e interessantes de Mariette Van de Sande. A capa é de Orlando Nocetti Jr.

Mesmo para aqueles que não são entusiasmados pelas palavras cruzadas, acreditamos que a obra tenha utilidade, uma vez que a matéria didática nela contida é de muito valor.

Mestre Ferreira

CELSO LIBERATO

Parece que estava escrito que o ano de mil novecentos e setenta e três não se despediria sem uma nota triste para Blumenau, o Vale do Itajaí e Santa Catarina.

É que a trinta e um de dezembro, quando ainda soavam no ar os cânticos do Natal, falecia em Curitiba o Professor José Ferreira da Silva, que dia antes sofrera um acidente de automóvel.

Quem era o Professor Ferreira da Silva?

Um homem de hábitos simples, nascido em Tijucas, perdidamente enamorado da nossa terra, operário padrão do labor das letras, PARS MAGNA de nossas refregas políticas, mestre de civismo e idealista.

Em termos de atividades intelectuais e literárias, era o homem dos setes instrumentos: professor, escritor, historiador, jornalista, orador acadêmico.

E em atividades afins não fez por menos: prefeito municipal de Blumenau, presidente da Câmara de Vereadores, advogado provisionado, mestre-escola, cartorário, funcionário público, diretor da Biblioteca Pública Municipal, «Fritz Müller» e do «Museu da Família Colonial»

Tempos atrás foi distinguido pelo governo da República Federal da Alemanha com honrosa condecoração.

A tudo isso elevou com o seu trabalho e espírito público, de par com as luzes de sua inteligência e os suplementos do seu saber.

Mas no fundo, o que seduzia, o imã que o atraía por gosto e vocação, era a pesquisa histórica, o renascimento do passado, a invocação das lembranças puras e doces do tempo de antigamente.

E nesse nobre afã não se cansava de esmiuçar arquivos, debulhar velhos armários de livros, decifrar e interpretar papéis e documentos já comidos pelo tempo.

Retratou com fidelidade a vida rural da antiga Colônia Blumenau, seu trabalho pioneiro, sua formação econômica política e social, seus costumes e diversões tradicionais, seu desdobramento histórico de etapa em etapa, com suas lutas e dificuldades de toda ordem.

Mas as preocupações históricas de Ferreira não ficaram confinadas nos limites de Blumenau, ramificaram-se pelo Vale e pelo Estado, através dos seus escritos e das edições de sua revista de cultura: «Blumenau em Cadernos».

Comprazia-se em revelar o passado para conhecimento do presente, em apertar os nós eternos, que no dizer de Paulo Setubal «amaram as gerações umas às outras».

Por estes céus do vale cantou alto e exaltou apaixonadamente as glórias e sacrifícios da obra de colonização e civilização do Dr. Blumenau e seus companheiros.

Para Ferreira, o fundador da Colônia, Hermann Bruno Otto Blumenau e o sábio Fritz Müller foram símbolos de uma nova era que alvorecia para a terra virgem e desconhecida.

A obra de Ferreira trabalhada ao longo dos anos, com a pertinência dos crentes, é toda ela um sincero depoimento de seu estrelado amor à terra e à comunidade catarinense.

Ainda nos últimos tempos, deixou-nos o valioso legado da «História de Blumenau», contadas em todo os seus capítulos, desde a paz evangélica da nascente colônia até o borborinho e o corre corre de hoje.

Seguro de sua missão,, empenhou sempre bem alto, com a impávida dos legionários e fé dos iluminados, o estandarte das pregações cívicas e do enriquecimento das letras históricas de Santa Catarina.

(Extraído do jornal «A Nação», de 20 de Janeiro de 1974)

A Morte de Um Pioneiro

Ecoou dolorosamente em nossa cidade, o falecimento, em 18 de janeiro do benquisto cidadão, Dr. Henrique Hacker, pioneiro da colonização de Joaçaba.

Henrique Hacker foi fundador de Bom Retiro e participou, ativamente, da fundação e desenvolvimento de Joaçaba.

Em outubro de 1915, ele adquiriu, bem próximo à estação de Herval, à margem direita do Rio do Peixe, uns 40.000 hectares de terras que mandou dividir em lotes coloniais, deixando área reservada à sede, onde foi instalado o escritório da Colônia. Foi construída uma parada para os trens de ferro, cujos trilhos acompanhavam a margem esquerda do Rio do Peixe.

Dessa "Parada" descia-se para o rio. Uma balsa tósca transportava passageiros e cargas para o outro lado.

As demais terras, ao longo do Rio do Peixe, integravam a concessão do Sindicato Fahrquar, americano que as recebera do governo federal em troca da construção da ferrovia.

A concessão era de 15 quilômetros de largura ao longo de todo o trajeto e de cada lado da estrada.

A proporção que o trecho ia sendo construído, de União da Vitória para o sul, os americanos iam colonizando essas terras, ora vendendo-as em complexos mais ou menos amplos, ora demarcando-as em pequenos lotes coloniais.

Posteriormente, o Sindicato Fahrquar transferiu a concessão a "Brazilian Railway Company" e esta à "Brazil Development and Colonization".

Com a fundação da Colônia Bom Retiro, tão próxima do Passo da Limeira, este foi tomando grande impulso no seu povoamento e na colonização das terras adjacentes.

O engenheiro Henrique Hacker fez vir para a sua colônia centenas de famílias de agricultores do Rio Grande do Sul, alemães e italianos, que lá já se sentiam ameaçados na sua subsistência pela falta de terras cultiváveis.

A migração desses elementos, tanto para a gleba adquirida por Henrique Hacker, como para os da concessão do Sindicato americano, deu tal impulso à região que, pouco depois, além de Cruzeiro, já surgiam outros povoados ao longo do rio do Peixe, e onde homens ativos e experimentados no comércio de gêneros coloniais montavam as suas casas de negócios, as suas pequenas indústrias, ativando transações não só com os colonos, na compra dos gêneros que estes produziam, como com as firmas do Rio Grande e São Paulo.

A estrada de ferro mantinha-os em contato permanente e seguro com esses centros, facilitando, igualmente, a vinda de novos braços, de novas energias, para o desbravamento da fertilíssima região que seria, graças a esse meio de transporte, ao trabalho persistente, à coragem e ao entusiasmo de lavradores ativos e inteligentes, transformada, em breve, numa das mais ricas e prósperas de todo o Estado de Santa Catarina.



HENRIQUE HACKER nasceu em 21 de maio de 1881.

Veio para o Brasil em 1904 contratado pela Empresa de Eletricidade Hauer Junior & Cia. de Curitiba, já extinta.

Desenvolveu grande atividade no setor de colonização do Estado de Santa Catarina, principalmente na zona leste, no Vale do Rio do Peixe. Foi um dos desbravadores da zona ex-contestado, onde auxiliou a fundação de núcleos populacionais e, dessa forma o desbravamento e a cultura de terrenos ricos próprios para a agricultura.

Para se chegar a esse resultado, a atuação do Dr. Henrique Hacker foi, sem dúvida alguma, decisiva.

Homem de larga visão e de extraordinária persistência, foi ele entretanto, um incompreendido. Sofreu as maiores decepções nos seus empreendimentos e sempre mais amargas, quando maiores eram os seus propósitos de ajudar, com o seu esforço e a

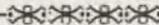
sua inteligência, o desenvolvimento e o enriquecimento da terra que ele escolhera para a sua segunda pátria.

Não foi, apenas, a região de Joaçaba que ele ajudou a colonizar e a engrandecer. Obrigado, em razão das medidas tomadas pelo governo brasileiro, durante a primeira guerra mundial, a deixar o litoral e a direção da firma Bromberg, Hacker & Cia., atirou-se a plantação de arroz em grande escala, no interior do Rio Grande do Sul. Construiu serrarias. Levantou barragens e implantou dezenas de usinas geradoras de eletricidade, ao mesmo tempo que adquiria terras no Alto Itajaí e no município de Canoinhas e no norte do Paraná, iluminado sempre pela visão de um Brasil que, no aproveitamento das suas riquezas ignoradas, se constituísse na mais forte e afortunada das nações do Universo.

Henrique Hacker, nosso leal amigo, hoje não mais existe. Partiu desta terra, em 18 de janeiro último. Vivendo modestamente em um arrebalde de nossa cidade, instalou uma pequena fábrica de conhaque e aguardente, produtos estes que mereceram do jornal «Estado de São Paulo» francos encômios como produto de excelente qualidade.

Deixa, Henrique Hacker, um grande vazio entre os seus numerosos amigos que muito o estimavam e que dele só tinham o que apreender, face os grandes conhecimentos que possuía sobre os mais variados assuntos.

Cooperador expontâneo de «Blumenau em Cadernos», sua morte deixa um vazio difícil de ser preenchido.



TROMBA D'AGUA

Precisamente às 20 horas do dia 11 deste mês, caiu sobre a nossa cidade, uma tromba d'água que durou cerca de duas horas, causando em todo o município, consideráveis danos, principalmente nas zonas mais baixas.

Os prejuízos foram de grande monta com o desbarrancamento de vários morros e barreiras das estradas.

A água inundou varios pontos da cidade, interrompendo o transito que em parte foi suspenso pelos empresários dos coletivos que servem a nossa cidade.

Bombeiros, soldados e operários da Prefeitura, tudo fizeram, socorrendo os atingidos procurando assim minorar os efeitos da catástrofe.

Pontes e pontilhões foram arrancados e levados pela violência das águas.

Várias casas desabaram e foram também levadas pela correnteza. O número de vítimas chegou a três sendo que dois, foram eletrecutados e um morreu afogado.

O Agrimensor Walter Schmidt

C. Gaertner

No ano de 1923 o convento dos Franciscanos em Curitiba ainda continuava abandonado. O Superintendente Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque expulsara os frades e estes, mochila às costas, tomando o bordão de romagem e sacudindo o pó das sandálias na extrema da rua, seguiram a pé para Lages, como convinha a membros de uma ordem criada pelo Pobrezinho de Assis para ser de monges medicantes. E, como o Geral da Ordem prometera não mandar mais frades para Curitiba enquanto fosse reeleito (e continuava sendo), o convento permaneceu vazio.

Residiu nele Georg Knoll, como inquilino. - O convento era um velho casarão de madeira, construído à testa de um vasto terreno, cercado por um hirsuto parque de ciprestes, dos quais ainda restam alguns como testemunhas silênciosas dos fatos que passaram. - Knoll, visto se ter despedido a sua governante, tinha ficado no casarão apenas em companhia de uma criança de cinco anos, a Vina, que ele criava. Convidou-me, e aceitei, partilhar com ele o enorme casarão.

O velho Knoll madrugava para o seu banho frio matinal na piscina do convento como fazia o idoso tabelião Carvalho, então já falecido.

Recebíamos algumas visitas gradas, como o Juiz de Direito, doutor Barroso, o Promotor Público, doutor Albino de Sá Filho,

o Delegado de Polícia, Tenente Delayti, o Vereador Caetaninho, o Paulo Bernardoni, o nosso visinho Altino Farias, o Paulinho Pereira, que foi um dos comandantes do assalto à vila em 26 de setembro de 1914. Às vezes éramos honrados com a visita do Superintendente Coronel Henrique Paes de Almeida. - Albuquerque já tinha sido assassinado de toçáia, o que também aconteceria mais tarde ao Coronel Henrique.

Knoll passava os dias ouvindo as novidades políticas locais, preparando o seu fumo lavado para o cachimbo, escrevendo seus romances que a Editora Rottermund publicava, cuidando da Vina, rememorando o passado, ou escrevendo versos para a revista «Hausfreund».

Nas minhas horas de folga gostava de ouvi-lo falar, pois, além de homem vivido, era, ao que me parecia, tão enciclopédico como a sua «Brockhaus». - Fora oficial de cavalaria do Exército Alemão, viajara pelo Oriente, e viera para o Brasil por se ter metido numa enrascada legal ao servir de testemunha no duelo entre o tenente Daut e o capitão Emmerich, que pereceu no embate. O tenente Daut veio a ser o tronco de uma grande e ilustre família do Rio Grande do Sul.

Conversou-se um dia sobre Walter Schmidt, pois que, além de topógrafo que prestou inestimáveis serviços ao Exército na campanha do Contestado, era ainda escultor

emérito, tendo afeiçoado uma bela imagem de Cristo para o altar-mór da Matriz da vila.

Foi então que Knoll contou uma estranha história. - Disse que, no começo do século, estava com um imigrante austriaco numa festa religiosa na Palhoça. Havia o movimento das festas bem concorridas. Quando tomavam cerveja numa das barracas, passou por eles Walter Schmidt. O austriaco parou o copo em meia viagem da mesa aos lábios, e ficou olhando surpreso para Schmidt que se afastava.

- Senhor Knoll, quem é esse homem?

- É o agrimensor Walter Schmidt. Reside em Curitiba há mais de dez anos.

- Que semelhança extraordinária!

- Com quem?

Nisto Walter Schmidt voltava passar por eles e o austriaco encarou-o com maior surpresa:

- Não pode ser, senhor Knoll! Eu conheço esse homem! Foi meu Coronel comandante de Regimento! É o arquiduque Johan Nepomuceno!...

E não foi possível convencer o austriaco que Johan Nepomuceno morrera num naufrágio.

Esse acontecimento chamou a atenção de Knoll para Walter Schmidt. Procurou e conseguiu a sua intimidade, e afirmou tratar-se de fato de Johan Nepomuceno Salvador, Arquiduque da Áustria, Príncipe da Toscana. Disse ter sido intermediário de cartas entre

o Arquiduque e a mãe, e que este teve uma conferência com o Consul austriaco na sua presença, sendo o assunto versado matéria sigilosa.

Johan Nepomuceno e o Arquiduque Rudolph, herdeiro do trono austriaco, conspiram contra os interesses do Imperador Francisco José e provocaram a inimizade do primeiro ministro Conde Eduard von Taffe. Johan Nepomuceno pretendeu o trono da Bulgária e por fim apoiou as pretensões do Príncipe Fernando. O Arquiduque Rudolph pretendia a coroa da Hungria que conspirava pela sua independência.

A 30 de janeiro de 1889 houve a tragédia de Mayerling. Mas o pesado segredo imperial, imposto pelas razões de Estado, deram margem a muitos relatos, como o de Henry Lanier afirmando que Rudolph não tinha morrido, simulára suicídio depois de assassinar a Baronesa Marie Vetsera, e fugira para a América do Sul em companhia de Johan Salvador. Em seu lugar foi sepultado um estranho com a cabeça rebentada por um tiro que obrigou a um enfaixamento. Os jornais, severamente censurados, não falaram na infeliz Baronesa que, dada como suicida, foi sepultada secretamente, na calada da noite, no mosteiro de Heiligenkreutze.

Johan Nepomuceno, em 1889, resignou todos os seus direitos e, com o nome de Johan de Orth, capitão de longo curso, embarcou no seu iate Margareth que naufragou nos mares da Patagonia em 1891, perecendo toda a tripulação. Mas Johan de Orth conseguiu um miraculoso salvamento e,

usando os documentos de um dos tripulantes, veio de porto em porto, de barco em barco, abicar em Santa Catarina onde havia uma colonização germânica. Mas não ficou entre colonos alemães de Blumenau ou Joinville, temeroso de uma identificação que lhe seria penosa. Subiu a serra e embrenhou-se pelas umbrosas selvas do planalto catarinense, onde viveu por mais de trinta anos, tendo fixado residência no Campo do Bóde, no Alto do Tamanduá. Amigo de Bonifácio Papudo para quem esculpia imagens de santos, e amigo do seu vizinho Venuto Baiano, antigo marinheiro da nossa Armada, com o qual podia recordar os mares distantes, sentiu-se em perigo quando ambos alcançaram postos de chefia no movimento jagunço, e, principalmente depois que Venuto Baiano foi fuzilado por ordem de Maria Rosa, Chico Alonso ou Elias Moraes. Disfarçado com o lenço branco e com a cruz verde, dirigiu-se à casa do seu amigo João Goetten Sobrinho, teuto-brasileiro dono da Fazenda Corisco, o qual aconselhou-o a procurar as forças federais sediadas em Curitiba sob o

comando do Coronel Estilac Leal.

O tenente Herculano Teixeira de Assumpção, do 58 Batalhão de Caçadores, que lidou pessoalmente com Walter Schmidt, não lhe poupa encômios como homem leal, vaqueano e topógrafo efficientíssimo, e fabro habilíssimo. - «quando ele se arma do seu onglete, grava com rapidez e notável perfeição, quer na madeira, quer na pedra e no metal, quer no corno, no osso e no marfim. O misantropo artifice burila e cinzela com a admirável destreza de um mestre. É um escultor dos sertões que possui esplêndidos trabalhos em Florianópolis, no palácio do governo catarinense. («HERCULANO T. D' ASSUMPÇÃO.) Campanha do Contestado, Vol. I, pág. 364).

Será verdadeira a identificação ou fantasia de romancista? «Chi lo sa» - Mas como explicar então a permanência desse homem inteligente e culto, desse artista exímio e humilde, nos envios sertões catarinenses de que há quase um século?



Segundo os historiadores catarinenses, quando, em 1739, o Brigadeiro governador José da Silva Paes, tomou posse do governo de Santa Catarina, como seu primeiro governador, o Estado não contava muito mais de 500 habitantes, sendo pouco mais de 147 homens brancos na Ilha de Santa Catarina, pouco mais de 30 casais na Laguna e outro tanto na povoação da Ilha de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul. Por isso é que Silva Paes sugeriu a El-Rei de Portugal a vinda dos casais dos Açores para povoarem a costa catarinense.

BLUMENAU EM CADERNOS

GUSTAVO NEVES

Acabo de receber, agora pelo Correio, mais um número de «Blumenau em Cadernos», correspondente ao mês de dezembro de 1973. Era frequente que o portador desse precioso mensário, a cada mês, fosse o seu próprio editor e diretor, José Ferreira da Silva. Desta vez, porém, a entrega feita pelo Serviço Postal, me enviou a saudade do amigo e confrade a quem me era grato acolher em pessoa, com a gentileza muito sua de me entregar pessoalmente os seus «Cadernos».

José Ferreira da Silva não pertence já a este mundo - e o seu mensário, que se radicara de há muito, na estima nem só dos Blumenauenses, mas, extensivamente, de todos os centros cultos de Santa Catarina, vem agora como um adeus que ressoa em todos os corações Catarinenses, os quais guardam do historiador e jornalista desaparecido a imorredoura lembrança. Autor de mais de vinte livros, em cujas páginas permanecerão marcadas para sempre a cultura e as manifestações da sua fecundidade intelectual, o fundador de «Blumenau em Cadernos» assim se projeta espiritualmente no reconhecimento e na memória de todos quantos lhe desejaríamos muito mais longa existência para ainda maiores benefícios à inteligência e ao prestígio cultural de Santa Catarina.

Parece que um grupo de amigos vai tomar a si a continuidade dos «Cadernos». Oswaldo R. Cabral me traz a grata informação e não lhe estranho o contentamento com que se refere a essa feliz iniciativa. É que «Blumenau em Cadernos», já agora, não celebrará apenas o nobre esforço daqueles que, no passado e através dos mais inquietos passos da evolução do Vale, fizeram a grandeza de Blumenau e perpetuaram as glórias da epopéia colonizadora, mas também a nobreza duma alma em quem o amor à terra, denunciando igualmente uma extraordinária sensibilidade humana, implantou o culto cívico a autênticos pioneiros da nossa formação histórica e étnica, «Blumenau em Cadernos» não desaparecerá, pois, ao contrário, assinalará a permanência de seu criador na gratidão dos seus companheiros, que farão algo para refrutescência ininterrupta da bela e rica messe a que Ferreira da Silva consagrava tamanho carinho.

A apreciada publicação haverá de manter em dia as mensagens de Ferreira da Silva, concitando os catarinenses ao conhecimento de honrosos feitos pelos quais se fundiriam numa indestrutível unidade as contribuições étnicas de que resultou a punjança econômica, o esplendor da cultura e a nobreza social duma das mais progressistas regiões do Estado de Santa Catarina.

Continue, pois, a aparecer mensalmente "Blumenau em Cadernos" e a cada número que se acrescente à já vultosa coleção deixada pelo jornalista e historiador que se foi para a Eternidade, terá de vir-nos à mente a imagem de um homem que não somente

soube ser generoso, fidalgo de espírito, padrão de amigo, cidadão digno e ilustre, mais ainda sugere um exemplo invulgar de legítimo e elevado civismo.

José Ferreira da Silva fez jus a gratidão dos que o conheceram porque a sua pessoa, inspirando simpatia e amizade, deixou realmente, antes de tudo, na família, na sociedade, na vida pública, e nas organizações de cultura de que era membro, - a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - um vazio desolador.

(Extraído do jornal «O Estado», de 23 de Janeiro de 1974).

É digno da melhor referência os esforço que se faz em Blumenau na Escola Superior de Música, nas Escolas do SENAI, SENAC, nos Centros de treinamento dentro das próprias indústrias, objetivando o aprimoramento artístico, ou técnico profissional em favor de cada vez melhor aprimoramento da capacidade de mão de obra especializada.

A criação do Distrito de Indaial vem da lei provincial 114, de 4 de Outubro de 1893. Entretanto, ao invés de haver a instalação do município, aconteceu a extinção do mesmo determinada pelo decreto estadual 189, de 29 de maio de 1894. Em 1911 e 1933 nas alterações administrativas de Blumenau, Indaial conta como distrito.

JOÃO TIBÚRCIO

(Dos «Alfarrábios» de José Mendes da Costa Rodrigues)

Natural do Estado de São Paulo, irmão de José Luiz Tibúrcio Junior, veio residir em Porto Belo, com sua mulher, uma filha e vários filhos, pelos anos de 1877 a 1880, estabelecendo sua casa de negócio no Canto da Praia da parte do Oeste. Era homem já alcançado em idade, de mais de cinquenta anos, de estatura baixa, magro, cor morena, de origem brasileira, gênio melancólico, amava a solidão. Relo em seus negócios, protetor dos desvalidos, usava de caridade para com todos pobres que batiam à sua porta. A sua gaveta era franca para os aflitos. Só sabia praticar o bem. Dava-se ao respeito e sua família é digna de respeito e consideração por sua boa educação e louvável bom procedimento.

Este belo chefe de família e honrado comerciante teve a desgraça de adoecer gravemente.

Havia nesta vila de Tijucas um mau padre... natural de Portugal, cuja má e perversa vida causa horror sua recordação. Esse indivíduo tinha uma casa de negócio na praça desta Vila, a qual estava atonetada de drogas medicinais que ele, para prestar relevantes serviços e acatar a estima de certo farmacêutico da capital tinha trazido para dar extração a essas drogas.

Sabendo esse celebríssimo padre que o velho homem se achava doente atonetou uma mala de frascos e caixinhas de

ingredientes e partiu para Porto Belo, Ali chegando, foi à casa do enfermo, assegurando-lhe que o curava e deixando o sortimento para o doente fazer uso daquela sortida botica.

Dias depois lá tornou e a família lhe fez entrega de tudo, assegurando-lhe que o doente não queria se medicar porque conhecia que seu mal não tinha cura.

Quiz o Padre confessar o moribundo, porém este não anuiu à exigência do padre, razão porque este foi ter com o sacristão José Leandro. submisso servo e lhe ordenou que não desse sepultura ao cadáver de José Tibúrcio, caso ele falecesse.

Dias depois morreu o bom pai de família e exelente cidadão brasileiro nato. Buscaram-se todos os recursos para se alcançar sepultura para o digno cidadão e nada se pôde conseguir, de forma que reunindo-se as autoridades locais e estando já o cadaver putreficado, resolveram abrir-se sepultura na praça em frente à igreja matriz, da parte do oeste dessa praça, onde jaz sepultado. «Digam os sábios da escritura / Que segredos são esses da natura...»

O Brasil que se estende do Prata ao Amazonas, que confronta pelo Oeste com as repúblicas espanholas, está crivado de cidades e vilas e frequesias, indique qual é a praça pública em que se observa um tal horroroso e fúnebre espetáculo!...

Só coube à ex-Vila de Porto Belo esse fúnebre brasão de ter no largo da praça da Igreja Matriz a sepultura de um cidadão paulista, o virtuoso e honrado João Tibúrcio. Agora só resta que sua respeitável e digna família mande erguer, para memória de seus ossos, um piramidal mausoléu, contando desde já com o meu franco auxílio de 200\$000, além do mais que as circunstâncias permitirem.

Esse fato não passou despercebido. Ele existe comemorado nas Repartições Públicas deste Estado e algum dia os futuros historiadores, hão de narrar com tintas dignas de um tão virgem acontecimento nos anais do mesmo belo e rico país, mas pobre e miserável de patriotismo.

(Cópia: - Excelentíssimo Cidadão Governador. Havendo sido assassinado o Juiz de Paz mais votado desta Vila, João da Silva Paranhos, às 9 horas da noite do dia 15 do corrente mes, acho-me por isso com a jurisdição daguele cargo, por ser o imediato em votos; e como a lei determina que hajam quatro juizes juramentados, por isso reclamo as providências para ser a lei satisfeita.

Prevaleço-me da oportunidade para comunicar-vos que no dia 13 do corrente mes, foi enterrado na praça pública da Freguesia de Porto Belo, deste Termo, o finado cidadão João Luiz Tibúrcio, em razão de ter se recusado a prestar confissão de seus pecados ao Reverendo Vigário. E como as terras que confinam com aquela praça são de minha legítima propriedade e ali tenho os meus estabelecimentos, casas, engenhos e minha

família, filhas, genros e netos, achando-se todos atemorizadas em razão deste virgem acontecimento nos anais da história do nosso país, motivo este que me obriga a dar-vos conhecimento do exposto. Saúde e Fraternidade. Vila de São Sebastião de Tijucas, 17 de junho de 1890. Ao exmo. Cidadão Lauro Severiano Müller, digníssimo governador deste Estado Federal de Santa Catarina. (Ass:) José Mendes da Costa Rodrigues.

Em conclusão: Esta Comarca instalada no dia 7 de abril de 1890, em cuja solenidade coube a honrosa tarefa de se apresentar orador o sobredito cujo padre, o qual com seu sotaque agalegado, axcedeu Cícero e Domóstenes, foi denominado de Tijucas, se bem que melhor lhe caberia o título de "Patoteira", visto como aqui não penetram as leis democráticas. O Decreto de 14 de janeiro de 1890, pelo qual foram secularizados os cemitérios, cuja construção e administração ficam a cargo das respectivas municipalidades, sendo permitido às corporações religiosas de qualquer comunhão, construir cemitérios para os seus membros, conforme os ritos de suas respectivas crenças, respeitados e executados os preceitos das autoridades sanitárias e municipais. Estas, disposições legais aqui não vigoram tanto assim que continuam os padres a administrar os cemitérios, sendo sensível a ausência do padre negador de sepultura. À vista do que vai em resumo recontado, diz o povo que as nossas boas leis são muito bonitas "para ingles ver".

OS SIRIOS-LIBANESES EM SANTA CATARINA

(NOTA PRELIMINAR)

por: WALTER F. PIAZZA

Inquestionavelmente Santa Catarina tem apresentado no decorrer do último século e meio uma pujante força aglutinadora de elementos de várias etnias em seu território.

Os italianos, os alemães, os belgas, os franceses, de uma forma ou de outra tem sido estudados, não só na sua contribuição numérica, mas, também, no seu contexto cultural e no processo aculturativo por que têm passado.

Entretanto, mais recentemente, e em especial, no Período Republicano outros grupos humanos têm mostrado a sua força construtiva no desenvolvimento econômico-social de Santa Catarina.

Desta maneira é necessário que se avaliem estes grupos e se meçam as suas ações interpenetradoras no contexto cultural catarinense.

Assim, as técnicas do historiador, como as do antropólogo, «no curso natural da vida social humana», porquanto os dados demonstram - o historiador usando o documento escrito, em especial, e o antropólogo utilizando o documento vivo, o informante - mas, a final, transformados ambos em inapeláveis fontes da História.

Partindo de uma metodologia adequada à reconstrução deste passado recente da chegada, disseminação e fixação do sírio-libanês em Santa Catarina, elaborou-se este documento.

Certo Autor (NASH, Roy - A Conquista do Brasil. São Paulo, Cia. Editôra Nacional, 1939. p.204), dá o decênio 1781-1880 como o da entrada de 52 «turco-árabes (principalmente sírios)» no Brasil, seguindo-se outros 103 no decênio 1881 - 1890, e tomando vulto nos decênios 1891 - 1900 com 4.326, 1901 - 1910 com 19.704, e 1911 - 1920 com 34.788, colocando-se, neste último decênio, como a quinta força imigratória no nosso país, suplantada, somente, por portugueses, espanhóis, italianos e russos (incluindo poloneses).

Vários tipos de entrevistas foram efetuadas, várias «histórias-de-vida» foram reconstruídas, várias abordagens histórico-culturais se efetivaram.

* O Autor utilizou para várias áreas do Estado entrevistas. Para a área de São Francisco do Sul, Joinville e Jaraguá do Sul aplicou-se «histórias-de-vida», através de alunos do Curso de História (1972-1973) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville.

Como resultante deste trabalho que se caracteriza como uma primeira inclusão do sírio-libanês na Historiografia Catarinense, tem-se três linhas de pensamento, daí decorrentes:

1 - o sírio-libanês situou-se, inicialmente, nas áreas portuário-marítimas;

2 - acompanhou, em seguida, a penetração para o interior, radicando-se, preferentemente, nas regiões servidas por ferrovias;

3 - e, num terceiro estágio, penetrou, juntamente, com outras «frentes pioneiras, nos mais recônditos espaços territoriais de Santa Catarina.

Como causas gerais deste processo imigratório pode-se, desde logo, assinalar através dos dados obtidos, que ele é resultante:

a) da pobreza das áreas da Síria e do Líbano, de onde derivaram;

b) da falta de oportunidade de trabalho na terra natal;

c) dos problemas políticos-sociais existentes;

d) da conjuntura de dominação turco-musulmana sobre as minorias católicas libanesas:

e) do desejo de enriquecimento rápido, antevisto no Brasil, pelo conceito de «El Dorado» que, desde o descobrimento da América, foi tido pelos povos europeus e da área do Mediterrâneo.

Daí, pois, a sua penetração, em território catarinense, e a sua fixação tem início no fim do Período Imperial e tem sequência até os dias que correm.

É o que se deduz da amostra que nos serviu de base e é da seguinte ordem:

Período de imigração	Total
1900 - 1910	5
1911 - 1920	6
1921 - 1930	4
1931 - 1940	0
1941 - 1950	1
1951 - 1960	10
1961 - 1970	2

Como se vê, segue-se mais intensamente, no período republicano o processo imigratório, em seguida às duas guerras mundiais.

Estes elementos vão se fixar, predominantemente, de início, em zonas portuárias (São Francisco do Sul, Florianópolis, Itajaí, Laguna, no nosso Estado, ou no Rio de Janeiro, Santos, Bahia, Paranaguá e Rio Grande, para depois se passarem a Santa Catarina), ou, então, em antepostos (Joinville, em nosso Estado), espalham-se ao longo das ferrovias (Blumenau, Jaraguá do Sul, Mafra, Porto União, Caçador, Joaçaba, Tubarão, Criciúma e Araranguá).

São visceralmente dedicados ao comércio.

O processo aculturativo se inicia, em alguns casos, mas muito esporadicamente, no casamento. Poucos os que se casam, ao imigrar, com luso-brasileiras; predominantemente o fazem com suas «patricias», ou então, casam, ao emigrar, ou, ainda, voltam para escolher uma esposa e casar.

No processo aculturativo sente-se, também, a força da tradição cultural do libanês ("o Brasil não atende à necessidade escolar" e, nesta frase, se reflete a tradição do Humanismo francês existente naquele país), diferentemente do sírio: aquele, com a melhoria da sua situação econômica manda os filhos estudar em no Líbano, este se integra no contexto escolar brasileiro.

Outro ângulo do processo, deveras importante é o uso da língua portuguesa nas relações familiares. A maioria usa, no lar, a língua árabe e a portuguesa, nos atos estritamente necessários ao relacionamento público.

Concluindo esta abordagem preliminar ressaltam alguns problemas:

- tem-se, na primeira geração dos imigrantes sírios-libaneses um processo de aculturação determinado pelas condições de trabalho e relacionamento humano;

- o homem, pelas suas condições da atividade econômica, adquire maior flexibilidade adaptativa, enquanto que a mulher, pelo seu isolamento no lar, dentro de um sistema patriarcal, com um círculo restrito de relacionamento, fica bastante infensa à aculturação;

- emerge deste contexto o uso e persistência da alimentação tradicional (com os requintes de importação de produtos do país de origem), com o desejo reafirmado de voltar à terra natal (de acordo com a situação econômico-financeira);

- há, entretanto, por força do relacionamento das gerações brasileiras, um processo intenso de integração.

- esporadicamente, ocorre, na primeira geração, o interesse naturalização.

Hoje, dentro do contexto catarinense, já se tem descendentes de sírios e de libaneses, nas diversas atividades sociais - afora o comércio - contribuindo de maneira decisiva para a Cultura Brasileira!

NOVO REITOR

Fundação Universidade de Blumenau, tem novo Reitor

Pelo decreto nº. 476/74 assinado pelo Sr. Prefeito Municipal, foi nomeado para o cargo de Reitor da Fundação Universidade de Blumenau, o ilustre Professor Ignácio Ricken e passa vice-Reitor, o Dr. Renato de Mello Viana.

O Professor Ignácio Ricken, formado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, com curso de pós graduação na Philipps-Universität Marburg/Lahn (Republica Federal da Alemanha Ocidental) em Letras Germânicas e Românicas e Ciências Políticas e Sociais, é natural de Rio da Fortuna (SC), onde nasceu em 4 de julho de 1938.

Casado com Elisabeth Marta Ricken, tem três filhos.

Desde 1969 o Professor Ignácio Ricken é professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, tendo acumulado até o ano passado o cargo de secretário geral da FURB quando foi convidado pelo Prefeito Felix Theiss e assumiu o cargo de chefe de ga-

binete da Prefeitura, do qual vai, agora, se afastar para se dedicar inteiramente à Universidade.

O Professor Ignácio Ricken fez no período de 1962/63, estágios nas Universidades de Lisboa e Coimbra, em Portugal, além de estudos na Espanha, Portugal, Suíça, Áustria e Israel.

O Professor Renato de Mello Vianna, nomeado Vice-Reitor da Fundação Universidade Regional de Blumenau, é natural de Blumenau e tem apenas 29 anos (completará 30, no dia 18 de julho). Casado com Carmem Lucia Rosa Vianna, tem duas filhas. Formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, é professor da cadeira de Direito Penal da Fundação Universidade Regional de Blumenau, e assessor jurídico da Prefeitura desde 1972. O mandato de ambos é de quatro anos.

A posse verificou-se no dia 16 de março, com a presença de autoridades e grande número de pessoas gradadas.

F A L E C I M E N T O

Professor Dr. AUJOR ÁVILA DA LUZ

Faleceu na tarde do dia 15 de janeiro de 1974, em Florianópolis, o Professor Dr. Aujor Ávila da Luz, um dos assíduos colaboradores desta revista.

Era o Professor Aujor Ávila da Luz natural de Palhoça, formara-se em 1930 na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro) e exercera a clínica, por muitos anos, não só na Capital catarinense como em Lages e ainda em São Paulo. Gozava do mais nobre conceito como médico. Estudioso e culto, dedicou-se igualmente aos estudos históricos, tendo sido Professor de História Moderna e Contemporânea da antiga Faculdade de Filosofia de Santa Catarina. Genealogista, publicou vários trabalhos de pesquisa e um livro sobre a Campanha do Contestado, intitulado «Os Fanáticos», recebido com louvores pela crítica. Muitos dos seus trabalhos foram acolhidos por «Blumenau em Cadernos», que os recebia com satisfação, dada a originalidade dos assuntos tratados. Foi ainda, o Professor Aujor Ávila da Luz, Livre Docente, por concurso, da Faculdade de Direito de Santa Catarina (Medicina Legal), tendo exercido a cátedra eventualmente e dado cursos livres. Exerceu, também, o cargo de médico do Instituto Médico Legal da nossa Capital. Desaparecendo aos 67 anos, deixou viúva e três filhos (um filho e duas filhas), todos casados, além de netos. Seu sepultamento foi bastante concorrido e o seu desaparecimento bastante sentido, pois Aujor Luz era conhecido pela sua extrema bondade.

Apresentamos, pesarosos, os nossos pêsames à sua excelentíssima família em nome desta revista, que continua aberta aos trabalhos que por ventura haja o seu saudoso ex-colaborador deixado para serem publicados.

SALTO DOS PILÕES

A. CARDOSO

Sinuoso, em paisagem muito linda,
Corres tu - famoso Itajai.
Neste vértice a tua calma finda;
Surge teu alto e baixo por aqui.

Forte estrondo e murmúrio cordial,
Flórula, cachoeiras, correnteza
Teu desnível nos mostra um festival
Cheios de encantos e rara beleza.

Ainda em tuas águas retratas,
Em recantos serenos e suaves,
Atraentes restingas destas matas,
Moradia de nossas lindas aves.

Muito longe notamos teu troar,
Canto eterno - da natureza prece.
O Céu dá-te água e raio solar;
Sempre auxilia, nunca Ele esmorece.

Favoreces muito a salubridade,
Farta energia nunca negarias,
Para retribuir tanta bondade
Recompensa qual que desejarias?

Na minha ribanceira nunca há de
Ser derrubado um alto vegetal;
Conto com essa tua boa vontade,
Peço-te ó homem - não me entenda mal.

Guarde o quanto possível a floresta;
Suavisas as secas - e tem mais,
Meu desnível prossegue sempre em festa
Para o homem e muitos animais.

SANTA CATARINA TERRA E GENTE

Com a presença de autoridades e pessoas gradas, realizou-se no salão de mármore do Grande Hotel Blumenau, no dia 7 de março, o lançamento do livro «Santa Catarina Terra e Gente», de autoria de Marcos Konder Reis e Hoyêdo de Gouveia Lins. Trata-se de uma excelente obra, ricamente ilustrada a côres e que levará a todos os recantos do orbe, prova do que na realidade somos e temos em belezas naturais. O livro foi editado em Português, Inglês e Alemão.

SUBSTITUIÇÃO DE COMANDO

Em substituição ao Coronel Aurélio Marques Belliard, assumiu à 6 de março, o comando do 23º Regimento de Infantaria, o Coronel Eduardo Dória Sá Fortes. À Cerimônia da passagem de comando, estiveram presentes diversas autoridades e representantes das classes produtoras de nossa cidade.

A NOSSA CAPA

Estampamos para ilustrar a capa da presente edição, a reprodução de uma gravura extraída do livro «REISEN DURCH SUDAMERIKA» de J.J. von Tschudi . Haus von Meyer und Spierling in Blumenau.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA Dr. BLUMENAU

Direção: F. C. Allende

—Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00

Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

CELESC

**Centrais Elétricas de
Santa Catarina S. A.**

**SETOR BLUMENAU - Alameda Duque de Caxias, 63
C. Postal, 27 - Teleg.: SETORCELESC
SANTA CATARINA**

CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

BLUMENAU - RUA IGUAÇÚ, 291/362 - SANTA CATARINA

CAIXA POSTAL, 953 - FONE, 22-1066

GAZES E ATADURAS MEDICINAIS

ATADURAS GESSADAS

ALGODÃO HIDRÓFILO

FRALDAS PARA BEBÊS

FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS

ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE